

PERCEPÇÕES NOS PROCESSOS DE ADAPTAÇÃO, DE INTEGRAÇÃO E DE PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES AFRICANOS/AS NA UNILAB

Hitalo de Moraes Alves¹, Silviana Fernandes Mariz²

Resumo: Desde sua instalação, em 25 de Maio de 2011, a Unilab tem produzido desdobramentos tanto na região em que foi instalada, como no seu espaço acadêmico. Por se tratar de uma universidade que busca além da interiorização, a internacionalização do ensino superior, seu alunado estrangeiro é composto em maior parte por alunos/as africanos/as, oriundos/as das ex-colônias portuguesas. Desta forma, o presente trabalho objetivou empreender uma investigação acerca dos processos de adaptação dos/as estudantes africanos/as na citada universidade, de integração com os/as brasileiros/as, bem como a permanência desses/as estudantes africanos/as. A investigação foi realizada numa turma de segundo e terceiro semestres do curso de Bacharelado em Humanidades, com intuito de gerar conhecimento e promover ciclos de debates com a sociedade civil e a comunidade acadêmica sobre o papel da Unilab como instituição promotora de diversidade, da integração e da interculturalidade na região do Maciço de Baturité. Para a coleta de dados foi usado o método etnográfico, utilizando as técnicas de observação participante e de questionários qualitativos semi-estruturados. Os/As estudantes demonstraram grande interesse pelo tema trabalhado, e expressaram existir relações harmônicas sobre a realidade deles/as nas cidades onde residem, bem como sobre a vida acadêmica.

Palavras-chave: Estudantes africanos. Unilab. Produção acadêmica.

INTRODUÇÃO

A Unilab é uma universidade que busca a integração das ex-colônias portuguesas, que teve seu projeto de criação lançado em 2008 e fundação em 2010, com a sanção da Lei 12.289 que a instituiu como Universidade Federal. Seu efetivo funcionamento ocorreu apenas três anos depois, em 25 de Maio de 2011 (UNILAB, 2010).

Por se tratar de uma universidade que possui um projeto político-pedagógico tão singular, que busca a internacionalização, bem como a interiorização do ensino superior, houve a necessidade de uma investigação acerca dos processos de

¹ Graduando em Humanidades. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, e-mail: hitaloalves@gmail.com

² Historiadora e Doutora em Educação. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Professora do Instituto de Humanidades e Letras, e-mail: silviana_mariz@unilab.edu.br

adaptação dos/as estudantes africanos/as, das dinâmicas de envolvimento e evitamento desses/as estudantes, bem como a permanência dos/as mesmos/as na universidade.

Apesar, do continente africano manter historicamente vínculos políticos, sociais econômicos com o Brasil, Gusmão (2011), sugere que há uma complexidade nas relações entre os povos africanos e o povo brasileiro, e que a união entre africanos no solo brasileiro não é tão fraternal, como se imagina.

Pensar a África a partir da Unilab e seus estudantes, sejam eles brasileiros os africanos, é, sem dúvida alguma, pensar e refletir criticamente sobre as representações e imagens construídas e formuladas pela instituição em geral e pelos sujeitos que a compõem cotidianamente de modo particular.

A pesquisa propõe um atravessamento das fronteiras do discurso institucional e dos limites que opõem os/as estudantes africanos/as aos/as estudantes brasileiros/as, oferecendo uma compreensão mais larga da constituição da cultura acadêmica da Unilab como expressão da cultura nacional, regional e local em que ambos os grupos passam agora, uma vez estudando na mesma instituição, a compartilhar.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em três etapas. A primeira etapa do projeto foi construída e realizada a partir de pesquisas e leituras teóricas de estudos sobre o tema do projeto, que serviram como aporte e referencial teórico para a etapa subsequente, bem como o levantamento e leituras reflexivas dos principais documentos que regem a Unilab.

A segunda etapa da pesquisa foi realizada entre os meses de Outubro e Dezembro de 2016, nas aulas de uma turma de segundo semestre do curso de Bacharelado em Humanidades – BHU, e teve como técnica de coleta de dados a observação participante. Para terceira e última etapa, considerando as exigências

específicas colocadas pela pesquisa, foi conciliada a aferição de um questionário, com a continuação da observação participante.

A observação participante como técnica de coleta de dados é considerada complemento ao questionário. Segundo Minayo (2007), existem aspectos da experiência vivida que são melhor compreendidos com a combinação das duas técnicas, uma vez que o questionário se consolida com a narrativa das experiências dos participantes e a observação será o olhar do pesquisador sobre tais experiências.

A última etapa da pesquisa foi realizada entre os meses de Abril e Julho de 2017, nas aulas de uma turma de terceiro semestre do curso de Bacharelado em Humanidades – BHU. A observação participante, como um tipo específico de pesquisa de campo, exigiu a elaboração de um registro de dados. Foi utilizado como instrumento de coleta de dados o diário de campo. Oliveira (1996), considera o diário e a caderneta de campo modos de escrever que se diferenciam claramente do texto final, assim como esse relatório, que também deve ser considerado como uma “versão de escrita intermediária”.

O levantamento do processo de ingresso na Unilab, das experiências dos/as estudantes africanos/as nas cidades onde residem e outras dinâmicas na adaptação, integração e permanência deles/as na universidade e na cidade residente, foi realizado através da aplicação de um questionário qualitativo semi-estruturado, contendo onze perguntas, onde nove eram abertas. Ele teve seu processo de construção a partir da referência dos questionamentos-matrizes apresentados na problematização do projeto. Os dados coletados nos questionários foram organizados e sistematizados em fichas por estudante entrevistado. Após, os dados foram tabulados e sintetizados através do programa Microsoft Office Excel 2010

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos/as estudantes entrevistados/as, 40% do sexo masculino e 60% do sexo feminino, com idades variando de 22 a 24 anos. Os/as estudantes quando perguntados/as quanto ao país de origem, 80% declararam ser de Angola, enquanto 20%

eram de Guiné-Bissau. Quando perguntados/as sobre em qual tipo de instituição cursaram o ensino médio e de como seu deu o processo até a chegada à Unilab, todos/as foram unânimes em declarar em concluíram o ensino médio em uma instituição privada, e, que houve o apoio da família para vinda ao Brasil tiveram o apoio da família, mesmo sabendo da distância e das incertezas futuras.

Segundo Teixeira (2010), alguns estudantes africanos/as declararam ter escolhido o Brasil por acreditarem ser este um país eminentemente negro e, ainda, sem racismo, ou seja, a visão que os/as estudantes tinham do Brasil estava diretamente relacionada ao mito da democracia racial.

Na questão referente de como os/as estudantes foram acolhidos/as no Brasil, foi quase uníssono as respostas contendo: “foi ótima recepção” e “foi um bom acolhimento”. No que tange à permanência na universidade, eles/as declararam que está “ótima” ou que “está sendo fácil”, e que o auxílio é creditado mensalmente sem atrasos. Acerca da questão de situações de racismo, tanto institucional, quanto acadêmico, as respostas divergiram, 80% dos/as estudantes afirmou que nunca sofreu nenhum tipo de racismo, enquanto 20% declararam ter vivenciado/a alguma situação de racismo. Sobre o relato de algum episódio com servidores e professores, os/as participantes informaram que “não” e “nunca”. Já os que declararam que sofreram racismo, foram com estudantes brasileiros/as dentro da universidade.

CONCLUSÕES

Há pouco, ou nenhum, conteúdo sobre as realidades dos/as estudantes africanos/as dentro do espaço acadêmico da Unilab. A experiência de investigar e refletir sobre o processo de formação de uma cultura acadêmica na Unilab pautada na diversidade étnica e linguística de seus sujeitos foi impulso dessa pesquisa.

A aproximação brasileira dos países lusófonos, através da Unilab, é impulsionada pela solidariedade vinculada em vínculos históricos, linguísticos e culturais. Porém, a prática das relações entre os/as estudantes africanos/as e

brasileiros/as, seja nas relações acadêmicas ou no âmbito institucional, ainda é marcada pela desinformação, reprodução de visões, imagens e registros estigmatizados.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e à Unilab, por despertar a vocação científica e incentivar novos talentos entre os/as estudantes de graduação, e a todos/as os/as estudantes africanos/os que contribuíram brilhantemente para a construção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Na terra do outro: presença e invisibilidade de estudantes africanos no Brasil, hoje.** Dimensões (Unicamp), vol. 26, Rio de Janeiro, 2011, p. 191-204.

MINAYO, Cecília de Sousa (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever.** Revista de Antropologia (USP), vol. 39, nº 1, São Paulo, 1996, p. 13-36.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Relações raciais na sociedade brasileira.** 2. ed. rev. e ampl. Cuiabá: UAB/EdUFMT, 2010.

UNILAB. **Diretrizes Gerais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.** Brasília: Ministério da Educação, 2010.